

CONTOS DA REALIDADE

Jorge Guerra Villalobos *

Quando Pedro ouve atento as leituras que João lê para ele, emerge um mundo de sonhos, onde as paisagens selváticas e as áreas desérticas são cenários de jogos humanos; onde a dor e a miséria configuram formas de vida normais, engraçadas.

João é o pai de Pedro. Um homem que trabalha numa indústria têxtil durante sessenta horas semanais, somando as horas extras. Pedro pensa que seu pai gosta de fábrica e, às vezes, pergunta como está o patrão. A criança tem a impressão de que ambos, amigos, ficam conversando e, por essa razão, o pai demora a voltar para casa.

João tem consciência de que a situação não é essa, mas não explica a seu filho, pois ele não tem idade para entender.

Maria, mãe de Pedro, observa como seu filho graciosamente se delicia com as histórias que João lê para ele todas as noites. Ela recorda “Cangaceiros”, “O Quinze”, “Usina” e outros. Maria comenta com suas vizinhas que a criança conheceu a vida na floresta com Ferreira de Castro, autor de “A Selva”:

* Professor da Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Fundamentos da Educação. Área de Metodologia e Técnicas de Pesquisa.

- Ele sabe quanto tempo demora um barco de Belém a Manaus; como é o trabalho do homem nas terras da seringa.

Pedro vive de seus heróis, que sofriam, assassinavam índios e animais selvagens. Esses heróis são livres para percorrer a selva, passear e desfrutar a vida. Pedro gostaria de ser um daqueles e sentir-se herói também.

O tempo transcorre trazendo novas experiências a Pedro.

Um dia...

- Que acontece, pai? Algo está errado? É por minha causa, por não ter feito as tarefas?

- As tarefas da escola são sua obrigação, e o controle que mamãe e eu fazemos a respeito é para que você aprenda a obedecer as ordens que os outros lhe dão. Obedecer é uma questão fundamental para quem precisa trabalhar a fim de sobreviver, para quem tem que vender sua força de trabalho como única alternativa para reproduzir-se. Do mesmo modo que o seringueiro em "A Selva".

- Mas, pai, você ainda não me disse qual é a sua preocupação.

- Filho, para sobreviver há que se trabalhar, é uma luta conseguir, ainda mais para mim, que não sou tão jovem.

- Mas você não tem esse problema. Gosta da fábrica, o patrão é seu amigo, como?

- As relações entre os homens sustentam-se por contratos. Por exemplo, o matrimônio é um deles. Existe um contrato também entre mim e o dono da indústria. Este possui os meios de produção, e eu vendo para ele minha força de trabalho, para poder manter-nos, pois não tenho mais nada para sobreviver. Terminando o prazo desse...

- Huuummm!

- Cumprido o prazo de tal contrato, pode ou não haver renovação.

- Compreendo pai, para você não existiu renovação, pois não é mais forte. Então, o que eu pensava da fábrica não é verdade? A realidade é outra?

- A realidade não é outra, a realidade é um processo do qual você estava compreendendo uma parte. A imaginação e os valores que a escola lhe proporciona ajudam a perceber somente uma parte dos acontecimentos. A outra, que lhe permite compreender o todo, você só chega a conhecer quando passa a fazer parte do mercado de trabalho e, para isso, há necessidade de pensar o que você significa dentro de todo esse processo.

- Nossa alternativa é sair daqui, assim como aconteceu por ocasião da seca do Nordeste; lembra-se de “O Quinze”?

- Sim, como esquecê-lo?

- Então, pai, nós estamos obrigados a ir em busca de novas possibilidades. Nós devemos sair também!

Quando João, Maria e Pedro preparavam as coisas para a viagem, Pedro e João...

- A história de nosso mundo aparece narrada nos livros que eu li para você, faz tempo. As formas de convivência de nossa classe, os pobres com os ricos, como você diz, não são distintas das apresentadas naquelas obras. A História, em consequência, é revivida na literatura. Na “Usina”, podiam-se ver algumas formas de concorrência próprias deste sistema em que vivemos, um sistema onde a força do dinheiro mobiliza todo um processo. Os interesses de classes em conflito mostram os usineiros expandindo o seu domínio na região. Aqui, todos os métodos são válidos para a conquista do poder.

João continua falando para Pedro, enquanto Maria observa a cena com ternura, na esperança de que Pedro pudesse compreender, pois ela só sentiu contos e heróis na sua vida, e o que João falava causava-lhe grande confusão na cabeça.

- Filho, a classe dominante passa a influenciar o Estado, e este exerce sobre nós o direcionamento de nossas vidas. Observe como nós, os dominados, somos vistos e tratados como os seringueiros, ou os escravos. Somos a mão-de-obra que tem que ser barata, para a usina, para o usineiro. Deste modo, ele obterá mais dinheiro e aumentará o seu poder.

- Filho, João narra algo que, para mim, é difícil de entender - diz a mãe - mas garanto a você que as histórias de heróis são belas quando acreditamos serem contos, porém cruéis, quando percebemos que são reais.

- Viver pelo mundo com sonhos de heróis - intervém o pai - é viver num conto de fadas. A terra nova que nos espera poderá ser cheia de aventuras, que necessitaremos compreender. Será muito bom para nós três sairmos deste lugar, tentar uma nova vida e, quiçá, realizar os sonhos de vocês dois.

Depois das palavras de João, os três começaram a avançar para saírem do espaço que lhes consumiu todas as forças e esperanças.

- Olhem para todo esse verde, diz o filho. Ali há uma fábrica, está saindo fumaça daquela chaminé de tijolos. Os trabalhadores, só pelo fato de estarem trabalhando, certamente se sentem felizes. Podemos ficar? Gostaria de conhecer tudo. Isso até se parece com...

- A usina do Senhor Juca, lembra-se disso?

- Pai, não sabia que aquilo era cana-de-açúcar e essa, uma usina.

- Depois podemos voltar, vamos ter tempo.
- Sim pai. Com certeza, podemos voltar depois.

Que pensava aquele jovem para concordar assim tão facilmente com seu pai? Sentir-se-ia como aquelas crianças castigadas por chuparem cana da usina? Estaria pensando que o mundo dos contos com que sonhava não existe?

A viagem durou uns dias. Durante o trajeto, Pedro perguntou a João e Maria muitas coisas de forma tímida, quiçá para não sentir-se desiludido ou contrariado. Haviam chegado e...

- Onde está nossa casa? pergunta Maria.
- Teremos que construí-la? indaga Pedro.
- Roçaremos um pedaço de terra para plantar e, com as árvores derrubadas, edificaremos nosso Rancho - responde o pai.

- Será como estar num seringal! exclama Pedro.

O trabalho foi duro e prolongou-se por vários dias até que tudo ficou pronto. Durante algumas semanas, João e Pedro ausentavam-se, caminhavam vários quilômetros para trabalhar no corte de cana, e, assim, poderem comprar os alimentos de que precisavam. Nesse ir e vir, cortar-e-cortar, Pedro percebeu que a vida daqueles cortadores de cana, que tinha visto desde o trem, não era fantástica, e que o processo de antagonismo das classes sociais a que se referira seu pai voltava a repetir-se. Ele não gostava de ficar por longos períodos naqueles lugares. Preferia voltar prontamente à sua terra, à sua casa, onde ninguém interferia na sua vida.

Pedro tinha aprendido que o trabalho era imprescindível para poder sobreviver. Aprendeu a observar, em todo o processo, quem era ele, o que significava. À medida que ia entendendo a sociedade, mais a rejeitava.

João continuou explicando como funcionava todo o sistema, onde os antagonismos faziam parte da sua dinâmica.

O único lugar onde os heróis de Pedro ainda se sentiam seguros era a sua terra... sua terra?

- Quando o sistema se expande, filho, ele não conhece limites. Observa como a história do Senhor Juca reflete isso.

- Na verdade, papai, sempre tento fugir, esconder-me das situações, dos fatos. Vejo como os homens percorrem longas distâncias para irem ao trabalho na usina. Como a cana, na verdade, é um produto que dá mais dinheiro para o dono da terra do que o feijão, ele planta mais cana e paga uma miséria aos trabalhadores; com isso, o ganho é grande.

- Certo, filho; e você e eu cooperamos nisso, e não somos os heróis que pensava que seríamos quando estivéssemos aqui.

- Papai, as relações entre as pessoas são complicadas, mas nunca imaginei que pudessem nos acontecer todas essas coisas narradas por aqueles contos.

- Lembra as palavras de sua mãe a respeito de contos e realidade?

- As obras que eu li não são contos; são realidades.

- Acontece que as pessoas que escreveram aquilo viveram essa realidade. Os leitores, em geral, vivem os personagens e não os processos, e pensam que tudo é produto da fértil imaginação do autor. A falta de chuva que tivemos agora lembra-nos "O Quinze", onde a seca havia prejudicado os animais e o cultivo. Quando saímos da cidade, você não pensou naquele conto?

- Certo pai.

- Agora, veja: a situação física descrita é diferente da realidade? A fumaça da chaminé da usina que já imaginou

na obra de Rego, por acaso, não é exata? Quero que compreenda que o homem possui imaginação fértil, mas tudo tem uma dose de realidade. Somente se tem que aprender a discernir o que é aparente do que é real, e isso é produto da experiência e de leituras de outros livros que a gente chama de sérios.

- Papai, então tudo o que o homem imagina e tem escrito está acontecendo, acontecerá ou aconteceu?

- Maria, lembra que foi em 68 que o homem colocou o pé na Lua?

- Certo! Lembro, Pedro, que nesse tempo eu lia Júlio Verne, e ele escreveu um livro sobre fantasias de viagens à Lua. Esse Senhor é bem antigo, e ele não podia ver coisas como aquelas, pois eram do século passado. Acontece que ele acertou quase tudo.

- Filho, compreende que o escrito não é alheio à nossa realidade? Voltar a viver as experiências daqueles livros, permite-nos compreender e relacionar todos aqueles fatos e processos como pertencentes a uma etapa da História. Também é possível que somente nós, como leitores, possamos compreender o que sucede nos textos, pois os personagens dos livros são instrumentos do autor para vivenciar a História de forma novelesca.

Quando Pedro terminou de ouvir seus pais, pensou que havia coisas que não iriam acontecer.

- Ei! Os de dentro! Saiam, que esta terra pertence ao Senhor todo poderoso...! - gritou uma voz estranha, provavelmente a de um capanga.

Não foi possível fugir aos contos. Pedro, ao escutar aquelas palavras, sentiu que não podia escapar a um sistema que dominava o espaço. Compreendeu ainda mais não ser possível manter a fantasia, que tentou construir sobre sua terra. Tudo acontecia como nos contos, com uma única

diferença de que, neles, os personagens são fictícios, mas lá está a realidade...

“Os personagens... são instrumentos do autor para vivenciar a História de forma novelesca.”